

A qualidade do ensino

25 JUN 1994

JORNAL DE BRASÍLIA

SEBASTIÃO GARCIA

Educação

Acompanho mês a mês a desenvoltura com que o Ministério da Educação, sob o entusiasmo e competência da Profa. Cosete Ramos, prega a qualidade total em educação, a exemplo do modismo mundial de se falar em qualidade na indústria de bens e serviços, qualidade de vida, do meio ambiente e de tudo quanto diga respeito à atividade humana.

O que seria qualidade total em educação? Para alguns, depende do prédio, que deve ser bonito, moderno, limpo, WC individual em cada sala de aula, ar-condicionado, geladeira recheada nos corredores, videolaser, computadores, laboratórios, etc. Para outros significa boa remuneração dos professores, atmosfera mais sadia no relacionamento professor/aluno, sem essa de ver no professor um incompetente, louco, palhaço, pessoa ruim e muito energética — adjetivos com que normalmente os alunos rotulam os professores.

Na verdade pode-se dizer que a educação brasileira sofre mesmo é com a metodomania, isto é, ao invés de se dar importância ao conteúdo, investe-se em métodos e fórmulas, o que é um equívoco. O melhor e mais moderno método de ensino perde significado quando administrado com má vontade, incompetência e desconexão do conteúdo com os objetivos do curso.

Mestre Aurélio catalogou o verbete

como sendo "propriedade, atributo ou condição das coisas ou das pessoas capaz de distingui-las das outras"; "disposição moral ou intelectual das pessoas"; "dote, dom, virtude".

Neste raciocínio de leigo em matéria pedagógica observo que antes de se tratar com a "qualidade total" precisa-se caracterizar o que seja qualidade de ensino. Diria, antes, que qualidade é quando o destinatário fica satisfeito com o tratamento, o bém ou o serviço recebido. Por exemplo, se entro numa loja de ferragens e encontro o parafuso na dimensão das minhas necessidades; se tenho na padaria o pão quentinho e sem bromato, digo que essas casas prestam um bom serviço, fico satisfeito com a qualidade.

Assim ocorre com a escola: se o objetivo daí para preparar candidatos ao vestibular e esses alunos obtiverem aprovação, ficarão satisfeitos com o que lhes foi oferecido e sairão por aí apregoando as boas qualidades da educação; quando a escola tiver como finalidade a formação de técnicos em contabilidade e os alunos, ao concluírem o curso, montarem seus próprios escritórios ou conseguirem emprego imediato pelas qualificações que possuitem, a escola terá oferecido um ensino de qualidade.

É preciso, destarte, antes de tudo, estipular-se o que pretende a escola em termos de produto final: formar profes-

sores? Preparar mão-de-obra para a indústria de automóveis? Produzir bons jornalistas ou profissionais paramédicos? A partir dos objetivos planejar o caminho mais acertado para alcançá-los. E alcançando-os será tida como uma escola que oferece ensino de qualidade.

O termo qualidade total é abrangente e não se aplica de modo disperso, em pulverizações aqui e acolá, porque qualidade é um bem raro neste País e precisa ser utilizado com segurança, quantidade e objetividade. E não nos enganemos; este produto não será encontrado a rodo nos encontros pedagógicos, seminários, congressos e reuniões de teóricos. Ela está no próprio ambiente de trabalho do profissional da educação, adequando-se a sua aplicação aos objetivos que se desejar alcançar.

E para isso ainda existe outro componente a merecer um comentário à parte: a vocação do professor. Porque há três profissionais que dependem fundamentalmente da vocação: a de professor, de médico e de sacerdote. O médico cuida da saúde do corpo desde o nascimento; o sacerdote, trata da alma; e o professor forma os dois. Mas este é assunto para ser discutido por quem entende de vocação e de qualidade.

■ **Sebastião Garcia** é secretário-geral da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade